

GRAMÁTICA E ESPECIALIZAÇÃO CONTEXTUAL: O PAPEL DA MARCAÇÃO EM CASOS DE SOBREPOSIÇÃO FUNCIONAL

Grammar and Contextual Specialization:
the role of markedness in functional overlapping situations

Maria Alice Tavares*

Resumo: Como resultado de seus processos de gramaticalização, os conectores coordenativos *e*, *aí* e *então* possuem funções sobrepostas no português brasileiro e, portanto, estão sujeitos ao princípio da marcação (GIVÓN, 1995). À luz do suporte teórico da lingüística funcional, investigo como o emprego de *e*, *aí* e *então* na modalidade oral da língua é afetado por esse princípio. Para tanto, levo em conta indícios provenientes das seguintes fontes: tipos de discurso, relações semânticas estabelecidas por *e*, *aí* e *então* e traços semânticos verbais. Os resultados, obtidos através de análise quantitativa, revelam que a marcação contribui para especializações de uso: formas marcadas são mais freqüentes em contextos comunicativos de maior complexidade.

Palavras-chave: princípio da marcação; conectores *e*, *aí* e *então*

Abstract: As an outcome of grammaticalization processes, coordinating connectors *e*, *aí* and *então* have overlapped functions in Brazilian Portuguese, and accordingly become subject to the markedness principle (GIVÓN, 1995). From the theoretical support provided by functional linguistics, I investigate how the use of *e*, *aí* and *então* in spoken language is affected by that principle. To this end, I analyze evidences from the following sources: discourse types, semantic relationships established by *e*, *aí* and *então*, and verbal semantic features. The results, obtained through quantitative analysis, show that markedness contributes to specializations of use: marked forms are more frequent in the most complex communicative contexts.

Key-words: markedness principle; connectors *e*, *aí* and *então*

* Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	9-24
------	----------------	------	------	------------------	------

1. Introdução

Fundamentada no suporte teórico do funcionalismo norte-americano, focalizo *e*, *aí* e *então*, os conectores coordenativos mais frequentes no português brasileiro oral. Eles articulam segmentos do discurso em construções com o formato [O(oração)₁ *conector*+O₂] (nível de conexão inter-oracional) ou [O₁... *Conector*+O₂] (nível de conexão mais frouxo que o inter-oracional: há pausa entre as orações seqüenciadas, representada pelos três pontos), e facilitam a percepção, por parte do ouvinte, do tipo de relação coesiva pretendida pelo falante. Alguns exemplos:

(1) eu jogo bola ... o primeiro campeonato que eu fui foi aqui mesmo na rua ... quem tava jogando era eu e Loamir ... contra Klibson e Welton ... **então** foi expulso Loamir **aí** ficou só Klibson e Welton ... **aí** eu joguei sozinho ... **e** nós ganhamos de um a zero ... **então** fomos pras semi-finais **e** ganhamos de dois a zero ... **e** foi pra final **e** ganhamos nos pênaltis (*Corpus D&G*, p. 422)

E, *aí* e *então* tornaram-se conectores através de processos de gramaticalização (cf. seção 2). *E* é proveniente do conector latino *et*, por sua vez derivado do advérbio do latim arcaico *et/eti* ‘*também*’. Já *aí*, oriundo do advérbio latino *ibi* ‘*nesse lugar*’ ou ‘*nesse momento*’, e *então*, oriundo do advérbio latino *intunc* ‘*nesse momento*’, receberam, em português, papéis adverbiais de natureza dêitica e anafórica espacial e/ou temporal, dos quais são derivados seus usos como conectores. Atualmente, *e*, *aí* e *então* são frequentemente utilizados como conectores coordenativos, e, nesse papel, atuam na indicação de continuidade e consonância entre segmentos do discurso seqüenciados segundo uma ordenação temporal ou discursiva. Trata-se, portanto, de um caso de sobreposição funcional:¹ *e*, *aí* e *então* passaram, via gramaticalização, a desempenhar uma mesma função.

Formas em sobreposição funcional estão sujeitas ao princípio da marcação, pois tendem a manifestar diferentes graus de complexidade.

¹ Com base em dados do latim e das várias fases da língua portuguesa, Tavares (2003) faz uma análise das etapas de gramaticalização de *e*, *aí* e *então*, além de discutir a questão de sua categorização como conectores coordenativos.

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	9-24
------	----------------	------	------	------------------	------

Face a esse fato, tenho os seguintes objetivos: (i) averiguar o papel da marcação no fenômeno de sobreposição funcional que envolve os conectores *e*, *aí* e *então*; (ii) contribuir para a descrição e a análise do português falado na Região Nordeste.

Para tanto, investiguei uma amostra constituída por 32 produções orais informais feitas por oito indivíduos nativos de Natal (RN), quatro de 9 a 11 anos da 4ª série do ensino fundamental e quatro de 18 a 20 anos do 3º ano do ensino médio.² Cada um deles produziu discursos dos tipos *narrativa de experiência pessoal*, *relato de procedimento*, *descrição de local* e *relato de opinião*.³ Nessa amostra, encontrei 731 ocorrências de *e*, *aí* e *então* no papel de conectores e as analisei consoante três fatores ligados à articulação de partes do discurso: tipos de discurso, relações semânticas expressas pelos conectores e traços semânticos verbais. Interpretei os resultados valendo-me do princípio da marcação.

Nas próximas seções, sintetizo pressupostos teóricos, relaciono o princípio de marcação aos conectores *e*, *aí* e *então*, apresento a análise dos resultados e discorro sobre o papel do princípio da marcação em situações de sobreposição funcional. Por fim, listo as referências.

2. Gramática, gramaticalização e marcação

Para o funcionalismo, a gramática deriva das atividades sociais cotidianas em que se engajam os seres humanos. Recursos retóricos envolvendo itens lexicais e/ou gramaticais, inicialmente criativos e expressivos, tornam-se habituais por serem freqüentemente utilizados em certo tipo de contexto interacional (HOPPER, 1987). Esse processo de rotinização gramatical é conhecido como *gramaticalização*. A gramática é, portanto, um repertório de estratégias rotinizadas de construção de discursos. Segundo Thompson e Couper-Kuhlen (2005), os padrões gramaticais habituais suprem a necessidade humana de seguir modos rotinizados para agir no mundo: certos tipos de ação desencadeiam certos tipos de gramática. Para as

² Os textos em questão são parte integrante do *Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita na cidade do Natal* (CUNHA, 1998).

³ Para a coleta de dados nas *narrativas de experiência pessoal*, contei com o auxílio do bolsista de iniciação científica Rossini Santiago Silva (PIBIC/UFRN).

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	9-24
------	----------------	------	------	------------------	------

autoras, explicar como as pessoas usam a língua exige que se considere a gramática como interacionalmente sensível e cognitivamente realística.

Forças universais de base cognitivo-comunicativa influenciam o processo de rotinização gramatical. Essas forças são entendidas, pelo funcionalismo, como princípios que regem a gramática. Entre eles, estão a iconicidade, a marcação, o dinamismo comunicativo e a coerência temática. Neste estudo, o foco recai sobre a marcação.

Givón (2001) enumera as principais categorias ou funções gramaticais (ou, nas palavras do autor, *domínios funcionais*) existentes nas línguas humanas. São as seguintes: a) papéis gramaticais (sujeito, objeto direto, etc); b) definitude e referência; c) anáfora, pronome e concordância; d) tempo, aspecto, modalidade e negação; e) de-transitividade; f) topicalização; g) foco e contraste; h) relativização; i) atos de fala; j) junção oracional e subordinação.

É comum que exista, na mesma etapa histórica de uma língua, mais do que um único recurso formal para codificar uma função particular. Esse é o caso da coordenação de segmentos do discurso em relação de continuidade e consonância, uma categoria que agrega os conectores *e*, *aí* e *então*, seus membros mais frequentes na fala brasileira atual. Em termos da proposta de Givón, trata-se de um domínio funcional que integra o domínio mais amplo da junção oracional (em oposição à subordinação).

Formas que codificam uma mesma função gramatical estão sujeitas ao princípio da marcação, segundo o qual “categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem também a ser substantivamente mais marcadas” (GIVÓN, *op. cit.*, p. 28). A proposição desse princípio tem origem na Escola de Praga, como um desdobramento da noção saussureana de valor lingüístico. Aplicou-se, inicialmente, a casos de oposição binária do tipo [+/-]: um membro do par tem *presente* uma propriedade e o outro membro a tem *ausente*. A presença da propriedade implica a presença de uma marca formal que a codifique lingüisticamente. Um exemplo é o da relação singular-plural dos nomes em português: o substantivo *casa*, por exemplo, não é marcado para plural (é -plural), ao passo que o substantivo *casas* é marcado (é +plural), o que significa que é constituído por mais material lingüístico – a desinência *-s*, que indica pluralização. Posteriormente, a marcação passou a ser associada à complexidade e à previsibilidade: significados e funções complexos e menos previsíveis

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	9-24
------	-------------	------	------	---------------	------

tendem a ser codificados através de formas compostas por mais ‘marca’, isto é, formas compostas por um maior número de material lingüístico – fonemas, morfemas, palavras.

Nessa linha, Givón (*op. cit.*) aponta a existência de uma relação icônica entre o processamento cognitivo da língua e sua representação material no discurso, no sentido de que processos de produção mais complexos são codificados lingüisticamente através de formas materiais mais marcadas. Segundo o autor, formas que pertencem a uma mesma categoria gramatical diferenciam-se quanto ao grau de marcação: as marcadas, isto é, mais extensas, constituídas por mais material lingüístico, tendem a ser utilizadas em contextos comunicativos complexos, que exigem processamento cognitivo complexo. Como contraparte, as formas não marcadas, isto é, menores em sua constituição material, tendem a ser utilizadas em contextos mais simples. Ou seja, as formas gramaticais podem vir a receber usos especializados, particularizados para certos contextos em razão de seu grau de marcação lingüística.

Givón (*op. cit.*) define critérios para a identificação de formas marcadas: (1) complexidade estrutural: a forma marcada costuma ser mais complexa (em termos de extensão e/ou número de morfemas) que a não marcada; (2) distribuição de freqüência: a forma marcada costuma ser menos freqüente que a não marcada, o que lhe rende maior saliência cognitiva; (3) complexidade cognitiva: a forma marcada costuma ser cognitivamente mais complexa, aumentando a necessidade de atenção, o esforço mental e o tempo de processamento.⁴ Esses critérios podem ser aplicados não apenas a casos de oposição binária, mas também a casos de categorias que agrupam mais de duas formas (como neste estudo), pois possibilitam a organização escalar das formas segundo os diferentes graus de marcação que apresentam.

⁴ Os critérios (1) e (2) referem-se a propriedades concretas, observáveis no discurso, e, por isso, mais facilmente mensuráveis. Embora maior complexidade estrutural (critério 1) e baixa freqüência (critério 2) possam ser consideradas indícios de que uma certa forma é mais complexa em termos de processamento cognitivo do que outra de mesma função, apenas testes de natureza cognitiva podem mensurar mais diretamente indícios referentes ao critério 3 (por exemplo, testes que avaliem velocidade de processamento de itens lingüísticos).

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	9-24
------	----------------	------	------	------------------	------

3. Conectores e o princípio da marcação

Com o intuito de distinguir os conectores *e*, *ai* e *então* quanto à marcação, apliquei os critérios propostos por Givón (2001), do que resultou a organização da seguinte escala de marcação crescente: *e* < *ai* < *então*. *E* é o menor dos três conectores, além de ser átono, em oposição a *ai* e *então*, que são tônicos; *ai* é mediano no que diz respeito à extensão formal, e *então* é o maior dos conectores, possivelmente exigindo mais atenção e tempo de processamento que os demais. Além disso, *e* é o mais recorrente, sendo responsável por 393 dados (54%) do total de 731 dados encontrados na amostra. *Ai* possui frequência de 221 (30%) e *então* é o menos freqüente, com 117 ocorrências (16%).

Se uma forma gramatical é mais marcada do que outra de mesma função, será preferencialmente utilizada em contextos de produção linguística mais complexos, que exigem mais esforço em termos de processamento cognitivo. Para averiguar o comportamento de *e*, *ai* e *então* a esse respeito, diferenciei fatores ligados a seus contextos de uso quanto a graus de complexidade, e tomei tais elementos como possíveis indicadores de situações de comunicação mais e menos complexas.

Cada situação de comunicação é caracterizada por um número infinito de aspectos. Neste estudo, selecionei para análise apenas fatores ligados à utilização de *e*, *ai* e *então* na fala cotidiana que melhor se sujeitam a um controle sistemático, incluindo quantificação de dados, necessária para a obtenção de informações precisas. São eles: (i) tipos de discurso, (ii) relações semânticas sinalizadas por *e*, *ai* e *então* e (iii) traços semânticos dos verbos principais das orações introduzidas por esses conectores.⁵ Tais elementos podem ser relacionados a diferentes graus de complexidade, como veremos na próxima seção.

Na seção 4, pelo controle da distribuição dos conectores relativamente aos elementos listados acima, averiguo se *e*, o menos marcado, tende a ser utilizado em situações de comunicação menos complexas, e, em contraparte, se *então*, o mais marcado, tende a estar relacionado a situações mais complexas. Na seção 5, discuto a questão

⁵ Em minha pesquisa, também considere elementos relativos à identidade social do falante, mas não apresento aqui resultados referentes a eles por questão de espaço.

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	9-24
------	----------------	------	------	------------------	------

da especialização de formas gramaticais para contextos de uso particulares, fenômeno que é afetado pelas diferenças em termos de marcação existentes entre formas em sobreposição funcional.

4. *E, aí e então*: uma questão de marcação

Esta seção é subdividida em três partes, cada uma destinada a um fator fundamental das situações comunicativas em que se empregam os conectores *e*, *aí* e *então*: 1) tipos de discurso; 2) relações semânticas; 3) traços semânticos verbais.

4.1 Tipos de discurso

Levo em conta quatro tipos de discurso:

NARRATIVA DE EXPERIÊNCIA PESSOAL: Relato em que se conta um ou mais fatos que se passaram em certo tempo e lugar, envolvendo a si mesmo e a outros indivíduos.

(2) era o pastor da igreja que tava ali ... ele poderia ter chamado qualquer outro pastor ... **aí** quando ele disse ... “eu vou chamar o pastor Martins porque ele é pastor dessa pessoa” ... **aí** eu já fiquei tremendo nas bases ... aí ... é ... ele disse bem assim ... “todo mundo já sabe quem é?” **aí** a galera ficou calada e não sei que ... **aí** eu só olhei para ele **e** só faltei chorar (*Corpus D&G*, p. 180).

RELATO DE PROCEDIMENTO: Descrição das etapas de realização de alguma tarefa ou processo, caracterizando-se pela exposição dos eventos em ordem cronológica e pela ênfase na ação.

(3) **aí** passa pro dois ... aí o dois ... a velocidade do giro do dois ... do floclador dois vai ser menor do que do um ... (...) **aí** vai pro terceiro floclador ... floclador três **aí** a velocidade é menor ainda ... (*Corpus D&G*, p. 197).

DESCRIÇÃO DE LOCAL: Exposição detalhada de um local em suas peculiaridades e contornos.

(4) a varanda onde a gente faz a nossa sala íntima para ver televisão ... assistir filme ... essas coisas ... **então** lá tem duas cadeiras grandes e duas redes armadas para a gente ver televisão ... **e** tem uma mesinha com televisão ... (*Corpus D&G*, p. 89)

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	9-24
------	----------------	------	------	------------------	------

RELATO DE OPINIÃO: Apresentam-se considerações sobre certo tema, evidenciando opinião acerca do mesmo.

(5) constantemente tá sendo seqüestrado pessoas ... e eles num querem saber não ... apanham ... né? essas pessoas ... ficam em ... em lugares super ... super desconfortáveis ... apanhando ... e até matam ... num quer nem saber ... então seqüestro também ... era pra ser pena de morte ... (*Corpus D&G*, p. 246).

Para definir o grau de complexidade de cada tipo de discurso, comparei-os quanto a propriedades gerais: (i) tempo e aspecto verbais mais recorrentes; (ii) natureza do tipo de informação predominante. A narrativa caracteriza-se pela seqüenciação cronológica de eventos passados, temporalmente delimitados, correlacionando-se ao pretérito perfeito, seqüencial e ancorado no evento, e ao aspecto perfectivo, compacto e completo. Nas línguas em geral, esse tempo e aspecto, além de serem os mais freqüentes, costumam ser codificados por formas de menor marcação, indícios de que exigem menos esforço cognitivo em termos de processamento e percepção (GIVÓN, 2001).

Pode-se opor à narrativa o relato de opinião, caracterizado pela exposição de opiniões acerca de determinado fato ou idéia, correlacionando-se com o tempo presente, não seqüencial e ancorado na fala, e o aspecto imperfectivo, durativo e incompleto. São esses um dos tempos e o aspecto verbal que tendem, translingüisticamente, a ser codificados por formas mais marcadas (GIVÓN, *op. cit.*). Como o relato de opinião envolve a exposição de pontos de vista, o que é relativamente complexo em nível de processamento e percepção, bem como envolve o uso de tempo e de aspecto que geralmente recebem expressão lingüística mais marcada, considero-o o tipo de discurso mais complexo. Em contraste, na narrativa, predominam verbo e aspecto de expressão lingüística menos marcada e seqüenciação de eventos delimitados, completos, e, por isso, mais facilmente processáveis. A narrativa é, portanto, o tipo de discurso menos complexo.

Os demais tipos de discurso podem ser considerados intermediários quanto ao grau de complexidade que os caracteriza. No relato de procedimento, ocorre a seqüenciação das etapas de um processo, geralmente no presente. Esse tipo de discurso, embora se aproxime da narrativa pelo traço de seqüenciação temporal, está vinculado a um tempo verbal que tende a ser codificado via maior marcação lingüística. Além disso, o relato de procedimentos costuma

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	9-24
------	----------------	------	------	------------------	------

apresentar eventos não delimitados, durativos, conseqüentemente, mais pesados para o processamento cognitivo. É, assim, mais complexo que a narrativa. A descrição também é mais complexa que a narrativa, por envolver a exposição de características de um elemento, comumente no pretérito imperfeito ou no presente, tempos verbais tipicamente de codificação lingüística mais marcada.

A hipótese é que *e*, o conector menos marcado, deve ser mais freqüente na narrativa, ao passo que *então*, o conector mais marcado, deve aparecer mais no relato de opinião. Os resultados confirmam essa hipótese, revelando que *e* é bastante propenso a ocorrer em narrativas de experiência pessoal (com 41% de seus dados) e *então* predomina em relatos de opinião (41%). Por sua vez, *ai*, de marcação intermediária, destaca-se em narrativas e em relatos de procedimentos (51% e 35% de seus dados, respectivamente). Observe-se a tabela:

TRAÇOS VERBAIS	<i>E</i>		<i>AI</i>		<i>ENTÃO</i>	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Narrativa exp. Pessoal	160	41	114	51	18	15
Rel. de procedimento	80	20	77	35	32	27
Descrição de local	79	20	13	06	19	16
Relato de opinião	74	19	17	08	48	41
TOTAL	393	100	221	100	117	100

Tabela 1: Distribuição de *e*, *ai* e *então* – tipos de discurso

4.2 Relações semânticas

Identifiquei as seguintes relações semânticas estabelecidas entre os segmentos interligados por *e*, *ai* e *então*:

SEQÜENCIACÃO TEXTUAL: Sinalização da ordem pela qual as unidades conectadas sucedem-se ao longo do tempo discursivo, salientando o encadeamento de uma porção textual anterior com uma posterior.

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	9-24
------	-------------	------	------	---------------	------

(6) cidade interiorana ... né ... tem basicamente um centro da cidade ... né ... uma igreja ... é ... um comérciuzinho pequeno ... né ... corresponde ao tamanho da cidade ... que é pequena ... **e** tem algumas fazendas próximas ... entre elas a fazenda da ... minha tia-avó Guiomar ... né ... que é um ambiente superagradável ... uma casa pequena ... né ... pequena e rústica ... (*Corpus D&G*, p. 212).

SEQÜENCIACÃO TEMPORAL: Apresentação de eventos no texto de acordo com a ordem em que ocorreram no tempo.

(7) chegou meu irmão ... **aí** começou a brigar comigo ... **aí** a gente foi pro parque de novo... **aí** brincamo ... brincamo ... brincamo ... (*Corpus D&G*, p. 394)

CAUSA-CONSEQÜÊNCIA: Introdução de informações que representam conseqüência em relação a uma causa mencionada previamente.⁶

(8) eu acho que as pessoas lá fora ... elas têm medo de ... de repente dizer que estão erradas ... né ... **então** elas preferem não crer ... preferem não acreditar ... enganar os outros dizendo que não acreditam ... porque na verdade ... acho que num tem ... essa história de uma pessoa ... assim ... completamente ateu (*Corpus D&G*, p. 288).

A seqüenciação textual é a menos complexa entre as relações semânticas aqui consideradas: indica apenas a progressão de orações ao longo do tempo discursivo, assinalando a ordem seqüencial pela qual elas são apresentadas e desenvolvidas. Trata-se de uma estratégia puramente coesiva, que não dispara, no interlocutor, a necessidade de busca por matizes de significação outros além da indicação de que a oração que introduz relaciona-se ao mesmo tópico/assunto que a oração anterior. Representa, portanto, um processamento cognitivo mais rápido e econômico.

A seqüenciação temporal possui um traço de significado a mais, pois indica a cronologia dos eventos narrados, colocando em evidência não apenas a ordenação discursiva, mas também a ordenação temporal cronológica. Não exige, por conseguinte, um processamento cognitivo árduo, uma vez que está relacionada a experiências mais básicas dos seres humanos com a realidade

⁶ Nas gramáticas normativas, essas três relações costumam ser incluídas sob o rótulo de “coordenação aditiva” e ilustradas com o conector *e*. Vejam-se alguns exemplos: *Deram o braço e desceram a rua. Tio Cosme acomodava as carnes, e a besta partia a trote* (CUNHA, 1994, p. 534 e 554); *O galho partiu e o menino caiu da árvore. Eu li a carta e entreguei-a a Pedro* (SAID ALI, 1969, p. 105 e 133).

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	9-24
------	----------------	------	------	------------------	------

circundante, com o mundo que se oferece aos sentidos. Por essa razão, a seqüenciação temporal pode ser tomada como pouco complexa, embora, por conta do traço temporal, seja mais complexa que a seqüenciação textual.

A relação de causa-conseqüência apresenta um grau de complexidade maior, já que estão em jogo informações que representam conseqüência em relação ao que foi dito anteriormente. O estabelecimento dessa relação requer uma elaboração mental complexa, deixando vir à tona um viés argumentativo, vinculado mais ao mundo do dizer que ao mundo concreto.

A hipótese é a seguinte: como a seqüenciação textual é menos complexa, deve ser codificada preferencialmente por *e*, menos marcado. *Então*, mais marcado, deve exibir especialmente causa-conseqüência. Os resultados, apresentados na tabela 2, confirmam essa hipótese: 70% das ocorrências de *e* são vinculadas à relação de seqüenciação textual e 60% das ocorrências de *então* são vinculadas à relação de causa-conseqüência. *Aí*, conector de grau de marcação intermediário, predomina na sinalização de uma relação de grau de complexidade intermediária, a seqüenciação temporal (42%).

RELAÇÕES	<i>E</i>		<i>AÍ</i>		<i>ENTÃO</i>	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Seqüenciação textual	274	70	75	34	41	35
Seqüenciação temporal	87	22	93	42	6	05
Causa-conseqüência	32	08	53	24	70	60
TOTAL	393	100	221	100	117	100

Tabela 2: Distribuição de *e*, *aí* e *então* – relações semânticas

4.3 Traços semânticos verbais

Schlesinger (1995) organiza os verbos de acordo com os traços semânticos que manifestam, considerando, em especial, o grau de atividade que indicam. Reorganizei essa categorização, composta por

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	9-24
------	-------------	------	------	---------------	------

onze traços verbais, adicionando-lhe mais quatro, elocução, atenuação, existência e estado:

1. <i>Momentâneo</i> - refere-se à atividade repentina, de curta duração: <i>saltar, chutar, bater, derrubar, golpear</i>
2. <i>Atividade específica</i> - evoca uma imagem específica: <i>escrever, jogar, beber, desenhar, nadar, andar, sorrir</i>
3. <i>Elocução</i> - precede a citação ou discurso direto: <i>dizer, falar, responder</i>
4. <i>Atividade difusa</i> - não evoca uma imagem específica: <i>aposentar-se, trabalhar, aprender, mendigar, estudar</i>
5. <i>Instância</i> - posição corporal estática: <i>deitar, recostar, sentar</i>
6. <i>Estímulo mental</i> - o sujeito da oração é o estímulo da experiência mental de outrem: <i>impressionar, agradar, surpreender, assustar, espantar</i>
7. <i>Evento transitório intencional</i> - indica se o sujeito permanece em certo lugar: <i>permanecer, residir, situar, estar (em um lugar)</i>
8. <i>Evento transitório não intencional</i> - refere-se a ações não intencionais: <i>morrer, cair, desmaiar, adormecer, acordar, quebrar (não intencional)</i>
9. <i>Processo</i> - mudança não intencional sofrida por um corpo (mais ou menos animado): <i>deteriorar, crescer, amadurecer, transformar, ferver</i>
10. <i>Experimentação mental</i> - o sujeito da oração é o experienciador: <i>adorar, odiar, desejar, pensar, lembrar, entender</i>
11. <i>Atenuação</i> - distanciamento ou suavização da opinião: <i>achar, pensar</i>
12. <i>Relacional</i> - representa relações assinaladas pelos homens em seu processo de percepção da realidade: <i>depende de, merecer, precisar; servir como, assemelhar-se, causar, igualar, determinar, faltar (algo)</i>
13. <i>Sensação corporal</i> - sensação física: <i>machucar-se, doer, ferir, sofrer</i>
14. <i>Existência</i> - <i>ter, haver, existir</i>
15. <i>Estado</i> - <i>ser, estar, parecer, ter (olhos azuis)</i>

Quadro 1: Hierarquia dos traços semânticos verbais

Nessa hierarquia, as classes superiores referem-se a verbos cujo sujeito pode ser dito engajado em uma atividade, e as classes inferiores são as de verbos que indicam pouca atividade. Assim, quanto mais alta a posição do verbo na escala, maior a atividade envolvida e, como contraparte, quanto mais baixo está situado o verbo, menor o grau de atividade que pode ser atribuído a seu sujeito.

Uma vez que não obtive dados de *e*, *aí* e *então* introduzindo orações com verbos de estímulo mental e com verbos de sensação corporal, considereei apenas os treze tipos restantes. Para facilitar a análise, distribuí os verbos desses treze tipos em cinco categorias:

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	9-24
------	-------------	------	------	---------------	------

- a) Atividade 1: *momentâneo*, *atividade específica* e *elocução*, que se referem a ações físicas intencionais executadas com o corpo, envolvendo um ser físico que age no mundo.
- b) Atividade 2: *atividade difusa*, que envolve ação física intencional menos circunscrita e com menor grau de movimento; e *instância*, que indica mudança ou preservação intencional de posição física.
- c) Atividade 3: *transitório intencional*, *transitório não-intencional* e *processo*, que se organizam em uma escala que vai da perda de movimento e fixidez, mas com manutenção da intencionalidade, à perda da mobilidade e da intencionalidade, denotando ações não intencionais ou mesmo processos físicos.
- d) Atividade 4: Verbos de *experimentação mental* codificam as atividades mentais experimentadas, intencionalmente ou não, pelos seres humanos. Verbos de *atenuação* estão ligados à relação do falante com seu discurso, suavizando a própria opinião acerca de fatos. Verbos *relacionais* representam relações complexas assinaladas pelos homens em seu processo de percepção da realidade.
- e) Atividade 0: *existência* e *estado*. De acordo com Schlesinger (1995), esses verbos são os mais generalizados, pouco significando além de interligação entre sintagmas. Transmitem informação em conjunção com seus complementos, e quase nada quando isolados.

Qual a relação do conector com o verbo principal da oração que introduz? Os traços semânticos verbais servem como diagnóstico do grau de complexidade da informação codificada pela oração. Os verbos de Atividade 1 são pouco complexos, pois estão ligados às experiências básicas dos seres humanos com a realidade exterior. Os verbos de Atividade 4 são os mais complexos, por não codificarem relações voltadas ao mundo externo, e sim atividades mentais, mais difíceis de processar. Já os verbos de Atividade 0 são os menos complexos, visto que são altamente genéricos, indicando apenas haver relação entre os componentes da oração por eles interligados.

A hipótese é que *e* deve predominar em orações cujo verbo principal seja pouco complexo, e *então* em orações cujo verbo principal seja bastante complexo. Os resultados, na tabela 3, confirmam essa hipótese. *E* tende a introduzir orações nucleadas por verbos de Atividade 0 e 1, *então* destaca-se em orações de verbos de Atividade 4. Já *aí*, de média marcação, é mais freqüente em orações de verbos de média complexidade, que codificam Atividades 1 e 2.

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	9-24
------	----------------	------	------	------------------	------

TRAÇOS VERBAIS	<i>E</i>		<i>AÍ</i>		<i>ENTÃO</i>	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Atividade 0	148	38	27	12	10	08
Atividade 1	112	29	77	35	16	14
Atividade 2	48	12	54	24	16	14
Atividade 3	33	08	32	15	24	20
Atividade 4	52	13	31	14	51	44
TOTAL	393	100	221	100	117	100

Tabela 3: Distribuição de *e*, *aí* e *então* – traços verbais

5. Marcação e especialização contextual

A marcação é um dos fatores motivadores da especialização de formas gramaticais para contextos de uso particulares. Processos de produção lingüística mais complexos tendem a ser codificados através de formas (mais) marcadas. Nos casos de sobreposição funcional, caracterizados pela existência de duas ou mais formas codificadoras de uma mesma função gramatical, as formas de maior marcação costumam ser especializadas para contextos comunicativos mais complexos, e as de menor marcação para contextos menos complexos.

E, *aí* e *então* tornaram-se conectores coordenativos de função sobreposta através da gramaticalização. Quando uma forma passa a integrar uma categoria gramatical, tende a ser empregada em contextos compatíveis com seu grau de marcação, que é avaliado, pelos usuários da língua, em comparação com as demais formas passíveis de desempenhar a mesma função.

É o que se observa no caso dos conectores sob estudo. *E*, o menos marcado, predomina em contextos de menor complexidade, do que é indício sua grande freqüência em narrativas de experiência pessoal, na indicação da relação de seqüenciação textual e na introdução de orações com verbos de Atividade 0. Em contraste, *então*, o mais marcado, recebe destaque em contextos de maior complexidade, o que se reflete em sua maior taxa de ocorrência nos relatos de opinião, na sinalização da relação de causa-efeito e na introdução de orações com verbos de Atividade 4.

Por sua vez, *aí*, o conector mais recente entre os aqui enfocados,

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	9-24
------	-------------	------	------	---------------	------

possui grau médio de marcação e, de acordo, é mais utilizado em contextos de média complexidade, como no relato de procedimento, na codificação da seqüenciação temporal e na introdução de orações com verbos de Atividade 1 e 2. A exceção é seu grande uso nas pouco complexas narrativas de experiência pessoal. A utilização de *aí* tanto em contextos de média quanto de baixa complexidade não foge, entretanto, ao padrão de distribuição esperado para um item dotado de grau de marcação intermediário, que lhe garante maior mobilidade.

Concluo, pois, afirmando que, no caso da situação de sobreposição funcional envolvendo *e*, *aí* e *então*, o princípio da marcação é fundamental para que se teçam explicações para as tendências de uso singulares de cada conector. E aponto que, no que diz respeito á gramática em geral, é grande a influência da marcação sobre a organização das relações entre funções, formas e contextos de uso. Tal influência é referida por vários estudos abordando diferentes categorias gramaticais, os quais têm constatado haver correlação entre o grau de marcação de formas e o uso que se dá a elas nas situações de comunicação do dia-a-dia: formas mais marcadas tendem a predominar em contextos de maior complexidade, e formas menos marcadas em contextos de menor complexidade (vejam-se, por exemplo, Andersen, 2001; Givón, 2001; Gryner, 2002; Mollica, 2003; Tavares, 2004; Görski, Freitag, 2006). Esses resultados ratificam o poder explanatório do princípio da marcação quanto ao padrão típico de rotinização das relações entre formas gramaticais e contextos de uso: uma forma tende a ser utilizada em contextos de maior ou menor complexidade de acordo com seu grau de marcação.

REFERÊNCIAS

- ANDERSEN, H. (Ed.) (2001) **Actualization**: linguistic change in progress. Amsterdam: John Benjamins.
- CUNHA, C. F. da (1994) **Gramática da língua portuguesa**. 12^a ed. Rio de Janeiro: MEC-FAE.
- CUNHA, M. A. F. (Org.). (1998) **Corpus Discurso & Gramática** – a língua falada e escrita na cidade do Natal. Natal: EDUFERN.
- GIVÓN, T. (2001) **Syntax**. v. 1. Amsterdam: John Benjamins.
- GORSKI, E.; FREITAG, R. M. K. (2006) Marcação e comportamento sociolinguístico de marcadores discursivos interacionais na fala de Florianópolis. In: VANDRESEN, P. (Org.). **Variação, mudança e contato**

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	9-24
------	----------------	------	------	------------------	------

- lingüístico no português da região sul.** Pelotas: EDUCAT. p. 28-50.
- GRYNER, H. (2002) Emergência do futuro perifrástico no português carioca: o princípio da marcação. **Veredas**, v. 6, n. 2, p. 149-160.
- HOPPER, P. (1987) Emergent grammar. **Berkeley Linguistics Society**, v. 13. p. 139-157.
- MOLLICA, M. C. (2003) Marcação e estabilidade na mudança lingüística. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história.** Rio de Janeiro: 7Letras.
- SAID ALI, M. (1969) **Gramática secundária da língua portuguesa.** 8ª ed. São Paulo: Melhoramentos.
- SCHLESINGER, I. (1995) **Cognitive space and linguistic case.** Cambridge: Cambridge University Press.
- TAVARES, M. A. (2003) **A gramaticalização de e, aí, daí e então.** Florianópolis, UFSC. Tese (Doutorado em Lingüística).
- _____ (2004) Reflexos da fala do Rio Grande do Sul em 1940: uma análise sociofuncionalista em “As Vinhas da Ira”. In: CHRISTIANO, M. E. A. *et al.* (Orgs.). **Funcionalismo e gramaticalização.** João Pessoa: Idéia. p. 95-130.
- THOMPSON, S. A.; COUPER-KUHLEN, E. (2005) The clause as a locus of grammar and interaction. **Discourse Studies**, v. 7, n. 4-5. p. 481-506.

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	9-24
------	----------------	------	------	------------------	------